

**EM BUSCA DA UTOPIA - ALGUNS COMENTÁRIOS SOBRE O
SURGIMENTO DA PRIMEIRA GRANDE ORGANIZAÇÃO DE
ESQUERDA NO CENÁRIO POLÍTICO BRASILEIRO**

***SEARCHING UTOPIA - SOME COMMENTS ABOUT EMERSION OF THE
FIRST BIG LEFT ORGANIZATION IN BRAZILIAN POLITICAL SCENERY***

Galileu do Amaral FIDÉLIS*

RESUMO

Este artigo teve, por objetivo específico, examinar a gênese do Partido Comunista Brasileiro e a sua consolidação, na prática, como a única organização de esquerda a atuar no cenário político brasileiro por cerca de quarenta anos. O período analisado vai desde a fundação do PCB, em 1922, até a cassação do registro do Partido, pelo T.S.E., em 7 de maio de 1947. Durante a maior parte deste período, o PCB (então Partido Comunista do Brasil) ficou na clandestinidade, com apenas dois momentos de legalidade: o primeiro, por alguns meses em 1927, que terminou com a Lei Celerada, e o segundo por dois anos, de 1945 a 1947.

Palavras-chave: política, partido político, partido comunista, esquerda, socialismo

ABSTRACT

This article aimed to examine, in practice, the Brazilian Communist Party's genesis and consolidation, as the unique left organization to act in the Brazilian political scenery for about forty years. The analysed period began with PCB's foundation, in 1922, till the period when the register of the political party was lost, on May 7th 1947 by the T.S.E.. During most part of this period, PCB (at that time, Communist Party of Brazil) rested in clandestinity, except for two moments: first, a few months in 1927, which came to an end' with Lei Celerada and the second for two years, from 1945 to 1947.

Key words: politics, political party, communist party, left, socialism.

^(*) Professor Titular da PUC-Campinas e das Faculdades Integradas Campos Salles (São Paulo). Mestre em Ciências - Ciência Política pela Universidade de São Paulo.

INTRODUÇÃO

Por cerca de quatro décadas, desde a sua fundação, em 1922, o Partido Comunista Brasileiro - PCB -, (até 1961, Partido Comunista do Brasil) foi o principal - senão o único - ator significativo da esquerda organizada no cenário político brasileiro. Mergulhado na clandestinidade durante quase toda a sua existência, nesse período, mesmo assim, o PCB trouxe uma nova roupagem para a luta dos trabalhadores brasileiros, contra sua exclusão política e social e pela melhoria das condições de trabalho. A partir da década de 60, o PCB, embora hegemônico, teve que dividir seu espaço político com outras organizações de esquerda, dentre as quais as mais significativas foram a Ação Popular (AP), agrupamento dos católicos de esquerda, e o Partido Comunista do Brasil (PC do B), resultante de uma cisão do próprio PCB, ocorrida em 1962. Após o golpe militar de 1964, surgiram várias organizações de oposição armada ao regime dali resultante, a maioria oriunda de divisões nas bases e na direção do PCB, que não apoiou a luta armada¹. Logo após a Lei da Anistia e Lei Orgânica dos Partidos Políticos de 1979, é fundado, no ano seguinte, contando com a participação de alguns ex-membros do PCB, mas, principalmente com lideranças do movimento grevista eclodido em 1978, no ABC paulista, o Partido dos Trabalhadores (PT), que viria a tornar-se a principal organização política da esquerda brasileira. O PCB, que obteve o seu diploma legal em 1985 perdeu seu caráter hegemônico e, a partir de 1992 teve sua última e mais significativa cisão, que deu origem ao

Partido Popular Socialista (PPS), ficando com um reduzido número de militantes e com participação quase inexpressiva na arena política.

A finalidade deste trabalho é trazer para a discussão alguns aspectos relacionados à origem do PCB e das questões ligadas à sua configuração, até o momento em que foi, por ato da Justiça Eleitoral, pela terceira vez lançado na ilegalidade. Não haverá preocupação com o espaço cronológico, mas tão somente com a investigação histórico-analítica.

A GÊNESE E OS PRIMEIROS MOVIMENTOS DO PCB

No II Congresso da Internacional Comunista, realizado em Moscou, em agosto de 1920, ficou decidido que seriam constituídos partidos comunistas em todo mundo, dado o caráter internacional da luta pelo socialismo. E o modelo era o partido bolchevique e a Revolução Russa emblemática. No V Congresso, realizado em 1924, desenvolveu-se, com intensidade, a tese da bolchevização de todos os partidos comunistas. Stálin², que naquele Congresso foi eleito para o Comitê Executivo da Internacional Comunista, apregoa que os partidos comunistas, como fiéis executores das orientações emanadas de Lênin, deveriam estruturar-se segundo a fórmula bolchevique e, ao mesmo tempo atuar segundo as condições concretas de seus respectivos países. Na realidade, a adoção do paradigma bolchevique foi o ponto de inflexão

⁽¹⁾ Mesmo assim, o PCB sofreu a mais trágica perseguição da sua história, com grande parte de sua direção presa, torturada e assassinada. O mesmo destino tiveram praticamente todos que ingressaram na luta armada. Marco Antônio Tavares Coelho, ex-membro do Comitê Central do PCB, preso e violentamente torturado em 1975, relata a impressão que teve numa reunião com dissidentes, a maioria jovens estudantes que optaram por ingressar na luta armada: *“Ali estava a nata dos jovens comunistas, sérios, o melhor que possuíamos e com prestígio na universidade. Enfrentamos uma discussão que durou três dias. Falei cerca de uma hora sem ser apertado, tentando desmontar os argumentos apresentados pelos que defendiam uma plataforma esquerdista, de imediata opção pelo caminho trilhado por Guevara e Mariguella... Eu previa que aqueles jovens seriam massacrados no combate que almejavam travar contra a ditadura, mas não invoquei e nem poderia apresentar esse argumento. Pois seria considerado um apelo à acomodação, quando unicamente poderia recorrer a uma análise racional. Se não bastasse, paciência. Só a vida ensina a todos nós.”* (Herança de Um Sonho - as memórias de um comunista. São Paulo, Record, 2000, p.321)

⁽²⁾ Iosif Vissarianovitch Djugatchvili nasceu em Gori, na Geórgia (Grússia, em russo), em 1879. Ingressou no movimento revolucionário russo em 1899, um ano após o Congresso de fundação do Partido Operário Social Democrata da Rússia (POSDR). Em 1913 adotou o codinome de *Stálin* (em russo, “feito de aço”). Liderou o PCUS desde a morte de Lênin, em 1924, até 1953, quando faleceu. Seu estilo autocrático e controvertido fez com que *stalinismo* se tornasse um qualificativo pejorativo.

para a *stalinização* dos partidos comunistas em todo mundo.

A despeito de acentuar a necessidade de análise das condições concretas de cada país, o que ocorreu foi estabelecer que a Revolução Russa era o modelo a ser seguido e os partidos comunistas ficaram sob a hegemonia do partido soviético que, sob a égide do stalinismo iria priorizar a tática, colocada aí na condição de marxismo-leninismo autêntico, quando, na verdade, para este, era a teoria que constituía o fundamento intelectual da elaboração das táticas. Surge então o império do taticismo³ que, através da III Internacional, irá impregnar todo o movimento comunista mundial.

Os partidos comunistas que emergem então, no pós-Outubro, tendo a Revolução Russa e o partido bolchevique como modelos acabam, de uma maneira inevitável, por reduzir e depauperar os fundamentos que calcaram as ações do partido bolchevique vitorioso em 1917, esvaziando sua capacidade de particularizar a teoria marxista, transmudando os referenciais teóricos em paradigmas míticos, estáticos e doutrinários de ação e de reflexão.

O Partido Comunista Brasileiro⁴, fundado em março de 1922, começou sua trajetória com essas características. Resultado, não apenas das contradições produzidas por uma sociedade, que devido aos impactos dos primeiros impulsos industrializantes sofria profundas mutações, como a crescente urbanização, mas também como produto daquela que foi a primeira revolução proletária vitoriosa da História. O PCB vai se constituir num instrumento de inovação política, uma vez que colocará no cenário político e social os elementos correspondentes às classes marginalizadas. De maneira diferente ao que ocorreu na Europa, onde os partidos comunistas tiveram sua gênese

nos partidos sociais democratas, o Partido Comunista Brasileiro resulta, de um lado, do já referido impacto da Revolução Socialista de Outubro e, de outro, dos movimentos anarquistas nas suas diversas versões, que haviam fracassado na tentativa de dar consistência ao movimento operário, conforme observou Brandão⁵:

Fracasso, entre nós, não só do anarquismo, cujo libertarismo havia se mostrado teórico e politicamente incapaz de “resolver os problemas de direção de um movimento revolucionário de envergadura histórica”, no juízo até hoje não desmentido de Astrojildo Pereira, mas também dos ensaios de trabalhismo e de socialismo, cuja consolidação dependeria não apenas de um movimento operário sólido, mas sobretudo de um sistema político liberal com um mínimo de flexibilidade. Na ausência deste - vale dizer, de uma burguesia capaz de organizar a classe operária ou de uma alternativa revolucionária que combinasse valores socialistas e liberais - uma organização ao estilo bolchevique, ideologicamente coesa e dotada de uma conduta política nacionalmente centralizada, capaz de se estruturar em situação de ilegalidade e, a partir daí, abrir-se a alianças e forçar sua inclusão no sistema político, parecia ter mais condições de sucesso.

A inserção do Partido Comunista Brasileiro, como ator significativo no cenário político, constituiu um marco de modernidade, inegavelmente, uma vez que iria se contrapor, de maneira persistente, ao conservadorismo de uma sociedade que tinha, como detentora do processo político, uma burguesia tradicionalmente

⁽³⁾ Ver, a respeito, o texto de Lukács, *Carta sobre o Stalinismo*, in **TEMAS**, n.1, Grijalbo, 1977, pp.1 a 17. Gyorgy Lukács (1885 - 1971) importante pensador marxista húngaro, foi membro do governo de Imre Nagy, quando da invasão soviética na Hungria. Tornou-se crítico do *stalinismo*, mas, na verdade, *dançava conforme a música*. No texto referido, por exemplo, apesar de fazer uma análise brilhante sobre Stálin, vê esperançoso as mudanças de Kruschev, embora este tenha apenas feito alterações políticas e não tenha atacado questões estruturais.

⁽⁴⁾ Na realidade, por ocasião de sua fundação, o nome adotado foi *Partido Comunista do Brasil*, que irá prevalecer até a IV Conferência Nacional, realizada em 1961.

⁽⁵⁾ Gildo Marçal Brandão, **A Esquerda Positiva - As duas almas do Partido Comunista 1920/1964**, São Paulo, Hucitec, 1997, pp. 74/75.

autocrática e germinada, em grande parte, no escravismo.

Ademais, no Brasil nunca tinha havido um movimento socialista expressivo, antes da formação do PCB; daí, portanto, pela ausência de uma tradição socialista anterior, o PCB constituiu-se na primeira.

Trazido do poscênio, pelas razões - e nas condições - já expostas, o Partido Comunista Brasileiro não se torna um partido como os outros. Com efeito, ao se falar de PCB deve-se, de imediato, descartar a famosa expressão latina *ejusdem farinae*⁶, tão bem utilizada por Balzac, no seu *Pai Goriot*. Isto é bem formulado em outra observação de Brandão :

Evidentemente, mesmo quando legal, um partido comunista não é um partido político como os outros. Primeiro porque, ele não se insere de forma lateral, mas essencial, num movimento político supranacional, e há pouco, até estatal; segundo, porque ainda quando “moderado” e “reformista”, sua ação não se limita ao terreno parlamentar e institucional, mas investe o inteiro terreno da vida social-política, economia, ideologia, cultura, etc. Nesse sentido, sendo o produto de um casamento complicado entre uma esquerda nacional e a Revolução de Outubro, representa não apenas uma alternativa de governo ou mesmo de regime, mas de Estado e de civilização; não se dedica apenas a reformar o sistema político, mas a mudar as relações sociais, a fazer vencer uma

*concepção de mundo. Apesar disso, boa parte de sua eficácia política está condicionada à maneira pela qual se insere na vida nacional de um povo, torna-se peça chave da política institucional e é reconhecido como um parceiro incômodo e perigoso, mas necessário à vida política. Não sendo **comme les autres**, boa parte de sua eficácia advém de como e em que medida se torna **un parmi les autres**⁷.*

As assimetrias podem ser notadas também pela longevidade do Partido Comunista Brasileiro em relação aos demais partidos : é, de longe, o partido político mais antigo do Brasil, com quase oito décadas de existência!⁸ Durante este período, o PCB foi um ator permanente no cenário político brasileiro⁹, com uma influência geralmente significativa, ainda que desproporcional às suas reais dimensões. Aliás, essa parece ter sido a tônica da participação dos partidos comunistas latino-americanos, conforme oportuna observação de Darcy Ribeiro, em O Dilema da América Latina:

(...) os comunistas desempenharam um papel capital na vida política latino-americana das últimas décadas, exercendo uma influência ideológica notoriamente maior do que corresponde à sua força política e sindical¹⁰.

E isto se torna, no caso do PCB, mais significativo quando se verifica - outro elemento

⁽⁶⁾ Expressão latina que significa “farinha do mesmo saco”.

⁽⁷⁾ Ob. cit., p. 26.

⁽⁸⁾ Pode-se considerar, como querem alguns, que o PCB sofreu tantas mudanças ao longo desse período, que não pode ser visto como um **único** partido. É perfunctório que, mudanças nos contextos, nacional e internacional, assim como nos membros e na direção provocaram alterações profundas no partido. Chilcote (1982) chamou de **fase** cada etapa diferenciada no tempo. Embora discorde da divisão cronológica proposta por esse Autor, considero **fase** mais apropriado que **descontinuidade**, uma vez que o PCB continuou sendo aquilo que Cerroni evidenciou como característica fundamental do partido político : combinação de uma máquina organizativa com um programa político (tendo esta última, *mutatis mutandis*, mantido a mesma essência). Esta interpretação, todavia, não é tranqüila; o PC do B, criado em 1962, reivindica o lugar de sequenciador do partido de 1922 ; já o PPS, originado da “dissolução” do PCB, em 1992, embora reverencie a tradição, não tem porque fazer essa reivindicação, uma vez que mudou seu conteúdo programático e considera extinto o partido de 1922. Para estes o atual PCB é apenas o detentor da sigla.

⁽⁹⁾ Desde a sua fundação, em 1922, ano em que apoiou a irrupção do *tenentismo*, o PCB só não teve participação na revolução da Aliança Liberal, de 1930 e na revolução constitucionalista de 1932, *motu proprio*. A despeito disso, no caso da revolução paulista, o partido teve dezenas de dirigentes presos pela polícia de Vargas, sob acusação de participação no movimento.

⁽¹⁰⁾ Apud Gildo M. Brandão, ob. cit., p.163.

distintivo - que sua influência ocorreu em condições de especial dificuldade, uma vez que a maior parte de sua atuação se deu em meio a uma profunda clandestinidade. É bem provável que não exista, na história política universal, outro partido - comunista ou não - que tenha experimentado uma clandestinidade tão prolongada... seis décadas! Essa condição, totalmente esdrúxula, ocorreu, é certo, em parte por responsabilidade do partido, mas, principalmente, pelas características próprias da sociedade brasileira, permissiva - ou, no mínimo, leniente -, em relação às suas sociopatias, mas, extremamente repressiva com os interesses não-conformistas que, por ventura, venham a medrar, afrontando seu alinhamento ideológico. Como observou Marco Aurélio Nogueira¹¹:

(...) Em nome do combate ao comunismo, diversas arbitrariedades, muita repressão e intimidação foram cometidas, não apenas contra os comunistas, mas contra o povo e o conjunto dos democratas. Com isso reforçaram-se sobremaneira os traços antidemocráticos e autoritários da sociedade brasileira, tradicionalmente fechada e discriminatória em relação a todos que mantêm vínculos com as massas populares, como é o caso do PCB.

A persistente clandestinidade, apesar de não ter sido a responsável, serviu para exacerbar a autocracia da organização partidária¹² e criar um ambiente de desconfiança mútua e de permanente vigilância com relação a tudo e a todos. Esta atmosfera de seita, junto com o exagero nas concepções obreiristas produziram situações tragicômicas, como, por exemplo, a de obrigar Caio Prado Jr. a percorrer, descalço,

algumas ruas do centro de São Paulo, para demonstrar sua identificação com a causa proletária!¹³

O esmaecimento da prática democrática também está intimamente ligado ao próprio objetivo do partido: a transformação revolucionária da sociedade. Apolônio de Carvalho¹⁴, diz que, “o socialismo tem que ser visto, também, como uma ditadura de classe”. Não há como destruir a “velha ordem” sem que essa ditadura se estabeleça. Assim, o objeto acaba envolvendo, valorativamente, aquele que o persegue. Para o partido comunista, o que está em jogo é a luta pela igualdade, que não pode ser alcançada através dos dispositivos institucionais vigentes. Daí, a democracia política - dentro da ordem política liberal - passa a ser apenas um objetivo tático - ainda que, subjetivamente, isto possa ser negado, é o que ocorre objetivamente -, que amplia as perspectivas de luta legal, para que o partido possa desenvolver, junto às massas, a sua tarefa de proselitismo ideológico e organizá-las, em torno de seus interesses imediatos, inculcar novos valores e, se possível, ocupar espaços junto aos aparelhos do Estado. Os trechos abaixo evidenciam essa questão tática:

A Declaração de Março codificou, sem dúvida, essa tardia descoberta, sendo como tal recusada pelo restante da esquerda. Mas foi preciso viver algum período sem solução de continuidade democrática, passar pela experiência de luta dos anos 60 e especialmente pela derrota de 1964 para entender que, distinta de insurreição armada.

“Revolução significa o processo histórico assinalado por reformas e

⁽¹¹⁾ **PCB: Vinte Anos de Política, 1958-1979**, São Paulo, LECH, 1980, p.VIII

⁽¹²⁾ Ver, a respeito, o artigo de Gildo Marçal Brandão: “*A Ilegalidade Mata: o Partido Comunista e o Sistema Partidário entre 1954 e 1964.*” **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, n. 33, São Paulo, Anpocs, 1977.

⁽¹³⁾ Caio Prado Jr., intelectual de abastada e tradicional família paulista, e que viria a se tornar um dos maiores, senão o único, teórico marxista brasileiro, procurando aplicar - a exemplo de Gramsci, na Itália e Mariátegui, no Perú - as concepções marxistas à realidade brasileira, ingressou no PCB, nos inícios dos anos 30, em plena vigência do *obreirismo*. Segundo conversa que circulava entre os dirigentes do partido, entre os quais o falecido Joaquim Câmara Ferreira - que lutou e foi morto pela ditadura militar, como membro da ALN, que sequestrou, em 1969, o embaixador norte-americano -, dizia que Caio Prado Jr. teve que, para ser aceito no partido, dar provas de que se ligava *humildemente* à *causa operária*, caminhando, descalço, pela Avenida São João, desde a Praça do Correio até a Praça Marechal Deodoro, no centro da capital paulista.

⁽¹⁴⁾ Apolônio de Carvalho, membro-suplente do Comitê Central do PCB, de 1954 a 1967. Segundo Gorender, o Partido nunca deu o valor devido a Apolônio. O trecho mencionado foi extraído da revista **Socialismo e Democracia**, n. 12, São Paulo, 1986, p. 42.

modificações econômicas, sociais e políticas sucessivas, que, concentradas em período histórico relativamente curto, vão dar em transformações estruturais da sociedade, e em especial das relações econômicas e do equilíbrio recíproco das diferentes classes e categorias sociais.”

(...) Apesar disso, a formulação de uma específica via brasileira ao socialismo - pois é do que se trata - avançará mais rapidamente nos documentos partidários do que na cabeça dos militantes e da mídia dos dirigentes. Na verdade, mesmo em sua vertente mais liberalizante, o Partido Comunista jamais ultrapassará o conceito de revolução como mudança concentrada no tempo, permanecendo siderado pela expectativa de, uma vez a cavaleiro do aparelho de Estado, converter, rapidamente, a exemplo da Cuba de Fidel ou do Egito de Nasser, a nacional democrática em socialista, reintroduzindo, assim, pela porta de trás, o golpismo que havia expulsado pela frente...¹⁵ (grifos meus)

Trata-se, na realidade, de uma tautologia: a ambigüidade do propósito se confunde com a ambigüidade da ação. O partido comunista, ao longo do tempo, procura, por caminhos anunciados, atingir objetivos não anunciados.

Para a consecução de seus objetivos, o partido caminhou por veredas diversificadas, sempre tendo como princípio de coerência sua inserção em um movimento internacional. Até 1935 a tônica do internacionalismo era dada pelas resoluções da III Internacional, sob cujo influxo o PCB traçava sua postura tática. Assim

é que, por ocasião do VII - e último - Congresso da IC, no ano mencionado, cuja grande temática foi o avanço do nazi-fascismo e a iminência da guerra, aprovou-se a política de frente única e de frente popular, o que levava, necessariamente à formação de alianças com os sociais-democratas e com as parcelas liberais da burguesia. Embora essa política estivesse permeada pela possibilidade de um enfrentamento com as forças do capitalismo, sua ênfase estava na preservação - e, em certos casos, conquista - das liberdades democráticas, ameaçadas pelo nazi-fascismo, contra o perigo de guerra e defesa da União Soviética. Para tanto, aprovou-se a tese, defendida pelo búlgaro Dimitrov¹⁶ de partido de massa, que, na realidade histórica concreta, de luta contra o nazi-fascismo, era a mais condizente.

No caso do Partido Comunista Brasileiro, a questão do enfrentamento foi privilegiada, em relação a do partido de massa. Em verdade, mais uma vez a ambigüidade prevaleceu. Ao mesmo tempo que procurava, através da Aliança Nacional Libertadora, formar uma ampla coalizão de forças democráticas, nos bastidores, baseado numa avaliação subjetiva da realidade brasileira, feita pela direção do partido, principalmente por seu secretário-geral, Antônio Maciel Bonfim, o Miranda, que participou da III Conferência dos Partidos Comunistas da América Latina, realizada em 1934, em Montevideu, o PCB preparava uma investida - frustrada - para tomar o poder. Contou, para tanto, como já é sabido, com o apoio e a orientação da IC, como se pode ver no informe de Dimitrov, de 2 de agosto de 1935¹⁷:

No Brasil, o partido comunista, tendo estabelecido as bases concretas para o desenvolvimento da frente unida

⁽¹⁵⁾ Gildo Marçal Brandão, o. cit, pp. 53/55. O trecho aspeado é uma citação que Gildo retira da obra **A Revolução Brasileira**, de Caio Prado Jr. O texto de Brandão, embasado em tese de doutoramento que defendeu em 1992, no DCP da FFLCH da USP constituiu uma das análises mais equilibradas e consistentes sobre a trajetória do PCB, desde a sua fundação até o ano de 1964. De se estranhar, portanto, que em alguns trechos, como os citados, deixe transparecer uma indisfarçável estupefação pelo óbvio.

⁽¹⁶⁾ Giorgi Mikhailovich Dimitrov, revolucionário búlgaro que, em 1933, em Berlim, onde estava como delegado búlgaro da Internacional Comunista, foi preso pelos nazistas, acusado de ter fomentado o incêndio do *Reichstag*. Sua brilhante defesa teve repercussão internacional, transformando-se num símbolo de resistência ao nazismo. Colocado em liberdade, viajou para a URSS, em 1934, quando foi elevado ao posto de *Secretário Geral* do *Komintern*, organizando as famosas *Frentes Populares*. Em 1945 voltou à Bulgária, onde foi eleito presidente do Conselho da República Popular Búlgara. Morreu em 1949, sem ter concretizado o sonho de formar uma Federação Balcânica.

⁽¹⁷⁾ Ver Marco Aurélio Guedes de Oliveira, **O Comintern e a Aliança Nacional Libertadora**, Recife, Bagaço, 1996, p.19.

antiimperialista, com o estabelecimento da Aliança Nacional Libertadora, deve fazer todo esforço para ampliar esta frente, atraindo para ela, primeiramente e acima de tudo, milhões de camponeses orientados para a formação de unidades de um exército revolucionário completamente devotado à revolução e ao estabelecimento do governo da ANL.

Na realidade, a direção partidária não só apresentou informes irrealistas da situação brasileira e da capacidade política - e militar - do partido naquele momento, mais ainda, longe de formar um exército revolucionário desencadeou a luta de maneira atabalhoada e no mais puro estilo *blanquista*¹⁸ à revelia dos aliancistas, das bases partidárias e, inclusive, de parte da direção do partido. O levante, conhecido na historiografia militar como Intentona Comunista e que foi um prato cheio para os anticomunistas das forças armadas, foi visto assim por um militante e dirigente do PCB, já falecido:

Na verdade, não houve nenhuma participação de massa nos acontecimentos de 35. Sequer o partido teve conhecimento antecipado e participação no levante. Tanto é assim que a maioria dos secretários políticos estaduais desconhecia a decisão tomada, afinal, pelo braço armado do partido, que praticamente atuava com independência. Isso quer dizer, em primeiro lugar, que o partido radicalizou e golpeou o movimento de massas e, em segundo lugar, que o próprio partido foi golpeado. Provavelmente, o levante tem mais a ver com o golpismo tenentista do que com os comunistas - a Insurreição de 1935 é o último movimento do ciclo aberto em 1922 e

*1924 - mas não deixa de ser a expressão trágica de uma época e de um partido que encontrou maiores facilidades de em se organizar nos quartéis do que nas fábricas, como anos depois reconheceria o então secretário-geral do PCB, Luiz Carlos Prestes, sem perceber que esse mero reconhecimento é uma condenação política do próprio levante*¹⁹.

A partir de então, o partido, que na prática tinha experimentado um exíguo tempo de legalidade, na década anterior²⁰ e se encontrava numa situação de semi-clandestinidade, foi severamente perseguido pelos organismos de repressão - que não se limitaram a reprimir os comunistas. O PCB foi desarticulado e enfrentou, como agravante, divergências internas. Essas divergências formavam um arco que ia desde a linha de atuação que o partido deveria adotar, com relação à sucessão presidencial, prevista para 1937, até a identificação das forças motrizes da Revolução Brasileira. De um lado, estava o grupo baiano²¹ atuando em São Paulo e, de outro, os membros do Comitê Regional deste Estado, que tinha apoio dos Comitês de Mato Grosso, Triângulo Mineiro, Goiás, Paraná, Rio Grande do Sul e Rio de Janeiro. Os primeiros apregoavam que, naquele momento, a revolução seria *democrático-burguesa*, cabendo a vanguarda à burguesia nacional e, os segundos, que a vanguarda seria o proletariado e o caráter da revolução seria *antifeudal e antiimperialista*.

No Pleno Ampliado do Comitê Central²², realizado em agosto de 1937, prevaleceu a tese dos primeiros. Com o golpe de novembro daquele mesmo ano, a questão eleitoral desapareceu, uma vez que as eleições foram canceladas e os

⁽¹⁸⁾ O blanquismo é uma doutrina resultante das idéias de Louis-Auguste Blanqui (1805-1881), e que concebe a atividade revolucionária como uma preparação do golpe decisivo, mais *técnico* que *político*, para a tomada do poder, pela violência e o conseqüente estabelecimento do socialismo.

⁽¹⁹⁾ Ver, Moisés Vinhas, **O Partidão. A Luta por um Partido de Massas (1922-1974)**, São Paulo, Hucitec, 1982, p.72.

⁽²⁰⁾ O primeiro período legal do PCB foi extremamente curto: durou pouco mais de 7 meses (1 de janeiro a 12 de agosto de 1927). Terminou com a edição da *Lei Celerada*.

⁽²¹⁾ Jacob Gorender ironiza a denominação de *grupo baiano*, afirmando que, de baiano mesmo, só ele, o Armênio Guedes e o João Falcão. Apesar da ironia de Gorender, o fato é que o grupo de baianos, que se reuniam em Salvador, principalmente em torno da revista *Seiva*, editada por João Falcão, teve destacada atuação na reorganização do Partido, sendo majoritário na formação da CNOP e, posteriormente, na elaboração da *Declaração de Março*, de 1958.

⁽²²⁾ Pleno Ampliado é a reunião do Comitê Central (órgão máximo dirigente) do PCB com a participação de todos os seus membros.

partidos políticos extintos²³. Em 1940, cai²⁴ todo o Comitê Central do partido, deixando-o, na prática, sem vida orgânica. Em atividade, ficaram apenas alguns grupos em São Paulo, no Rio de Janeiro e na Bahia²⁵.

Com a entrada dos Estados Unidos e da União Soviética, como aliados, na guerra, a partir de 1942, começa a recrudescer o movimento antifascista no Brasil, abrindo espaço para a atuação do partido. Os chamados baianos, que se encontravam em São Paulo e no Rio de Janeiro, a Comissão Nacional de Organização Partidária (CNOP), juntaram-se para preparar uma Conferência Nacional, com o objetivo de reorganizar o partido. Havia ainda um terceiro grupo, *browderiano*²⁶ que considerava que o partido não tinha mais razão de ser, propondo sua liquidação.

Em agosto de 1943, num sítio localizado em Engenheiro Passos, no Estado do Rio de Janeiro, é realizada a Conferência da Mantiqueira²⁷, ou II Conferência Nacional do PCB²⁸. Desta Conferência participaram: o engenheiro-agrônomo pernambucano Diógenes de Arruda Câmara, o ex-militar Dinarco Reis, do antigo Departamento de Aviação do Exército - Aeronáutica, a partir de 1941 -, Ivan, Mano, Júlio César, Cabral e Chaves - estes dois últimos, ex-marinheiros -, o comerciário Amarílio de Vasconcelos²⁹, o sindicalista paraense, funcionário do Sindicato

da Construção Civil, João Amazonas, os operários Francisco Gomes e Agostinho Dias de Oliveira - ambos viriam a ser deputados federais, o primeiro como suplente pelo então Distrito Federal e que viria a tomar posse em 1947, e o segundo, constituinte em 1946 - o ex-estudante de medicina Pedro Pomar, os intelectuais Mário Alves, Maurício Grabois e Armênio Guedes, o estivador catarinense Álvaro Ventura³⁰, os operários Jorge Herleim, Lindolfo Hill, Draga, o ferroviário Vanderlei, o jornalista Waldyr Duarte, o médico Milton Caires de Brito e José Medina, antigo militante, que ficou como secretário-geral interino, uma vez que Luiz Carlos Prestes, eleito para o cargo pela Conferência encontrava-se preso - Medina foi logo substituído por Álvaro Ventura. Marco Antônio Coelho, em obra publicada há pouco mais de um ano³¹, faz ainda referência a José Militão Soares, cozinheiro mineiro, que foi delegado de Minas Gerais, em substituição a Armando Ziller, que não teria podido ir devido ao seu trabalho no Banco do Brasil.³²

Entre as já conhecidas deliberações da Conferência, estava a luta pela legalização do partido. A legalidade veio logo após a guerra, quando, apoiado no Decreto-Lei n. 7586, de 28 de maio de 1945 - Lei Agamenon -, o partido requereu ao Tribunal Superior Eleitoral o seu registro, em setembro de 1945, sendo que o mesmo lhe foi concedido, primeiro provisoriamente, em outubro e depois, definitivamente, em novembro do mesmo ano. Foi concedida também anistia aos presos políticos, embora sem reincorporação

⁽²³⁾ Em 10 de novembro de 1937 foi decretado o *Estado Novo* e suspensas as eleições presidenciais. Em 2 de dezembro, do mesmo ano, outro decreto extinguiu todos os partidos políticos.

⁽²⁴⁾ No jargão comunista, *cair* significa ser preso.

⁽²⁵⁾ Na Bahia, a repressão foi menor, porque não houve eclosão militar em 1935.

⁽²⁶⁾ Earl Browder, dirigente do Partido Comunista Americano, exerceu uma influência significativa nos comunistas do pós-guerra, levando a extremos o *caminho pacífico* propugnado por Stálin, e conseguindo a auto-dissolução do seu partido. Em 1946, com os primeiros sinais da *Guerra-Fria*, William Forbes reconstituiu o PCA e Browder foi expurgado. No Brasil, destacados comunistas, como Fernando Lacerda, os irmãos Paulo e Pedro Mota Lima e o próprio Carlos Mariguella, chegaram a propor a dissolução do PCB. Mais tarde, Mariguella fez autocrítica.

⁽²⁷⁾ Engenheiro Passos é distrito de Resende, onde, na época estava sendo construída a Academia Militar das Agulhas Negras.

⁽²⁸⁾ A I Conferência foi em 1934, com alteração do Comitê Central, expulsão de Leôncio Basbaum e eleição de *Miranda* para a secretaria-geral.

⁽²⁹⁾ Amarílio foi tesoureiro do partido de 1959 a 1962. Com a cisão que deu origem ao PC do B, ficou com este partido.

⁽³⁰⁾ Álvaro Ventura foi deputado classista em 1934. Acompanhou Amazonas, Grabois e Pomar na dissidência que deu origem ao PC do B.

⁽³¹⁾ Ver, Marco Antônio Tavares Coelho, **Herança de um Sonho - As Memórias de um Comunista**. São Paulo, Record, 2000.

⁽³²⁾ A relação dos participantes foi feita com base em informações contidas nos textos de Coelho (2000), Reis (1985), Beloch e Abreu (1984). Não foi possível obter o nome completo de todos os participantes, nem tampouco saber se eram nomes verdadeiros ou codinomes.

dos militares, entre eles, Luiz Carlos Prestes³³. Prestes assume a secretaria-geral e, em 1946, o partido realiza a sua III Conferência, que serve para alterar o Comitê Central, com a inclusão de vários anistiados, grande parte de ex-militares. Inicia-se a era Prestes, que iria durar até 1980.

O prestígio representou uma ambigüidade valorativa para o PCB: de um lado, trouxe para o partido um prestígio que ele não possuía; de outro, praticamente liquidou a possibilidade da formação de uma organização política capaz de se auto-orientar no sentido de buscar a implantação de um marxismo não doutrinário, respeitando as características nacionais. De se notar que o surgimento do prestígio vem a coincidir com a absolutização do stalinismo no movimento comunista internacional.. Não vou entrar em considerações sobre se as coisas poderiam ter sido diferentes, isto é, se a União Soviética teria sobrevivido - melhor -, sem Stálin, ou se o PCB teria se firmado sem Prestes pois, além de tratar-se de hipótese contrafactual, não é objeto deste trabalho.

É inegável que o paralelismo em questão teve fortes conseqüências para o partido, como um todo e, principalmente na formação de atitudes do núcleo dirigente. A centralidade do problema está, não apenas na concentração do poder em uma pessoa, nem no chamado culto à personalidade, mas, e acima de tudo, no empobrecimento teórico, aparentemente inexplicável, num partido que conseguiu, de maneira inusitada, trazer como militantes, ou mesmo como simpatizantes, o maior número de intelectuais que uma organização política brasileira jamais conseguira, e uma vez que o chamado período stalinista construiu a imagem

universal de um líder que amalgamava a figura do militante comunista e do teórico marxista. Assim, corria em busca da redenção do proletariado brasileiro o Cavaleiro da Esperança, sob a luz emanada do Guia Genial dos Povos. É importante reproduzir, a respeito, o que diz Basbaum³⁴

(...) o militante bolchevique dirigente não era descartado do teórico, ao contrário, completava-o. No entanto, o que Stálin fez, na verdade, foi erigir em doutrina a elaboração teórica de Lênin, transformando-a em um conjunto de idéias como base quase de um sistema rígido, metafísico, cheio de dogmas.

Lênin falava que sem teoria revolucionária não pode haver movimento revolucionário, Stálin dizia que, para ele, a teoria é a "experiência do movimento operário de todos os países, tomada em sua forma geral". Note-se que a idéia de teoria em Stálin não referencia O Capital, obra fundante do materialismo histórico. Descontextualizando uma facécia de Lênin, que teria dito ser a política a economia condensada, o stalinismo estabelece que a teoria seria a prática condensada.

Fica clara a idéia de circularidade da concepção: é revolucionário o Partido que se guia pela teoria revolucionária e é revolucionária a teoria que guia o Partido revolucionário.

Disso resulta que, na prática, a elaboração da teoria revolucionária e a direção do Partido revolucionário se fundem e se confundem, numa única e mesma instância."

⁽³³⁾ Luiz Carlos Prestes (1898-1990) foi, indiscutivelmente a figura mais expressiva da história do PCB. Ex- capitão de engenharia do exército brasileiro, Prestes tem, como seu feito mais notável a liderança da Coluna que leva o seu nome, e foi chamada de *invicta*, por ter percorrido o Brasil de sul a norte, de leste a oeste, entre 1924 e 1927, sem conhecer derrotas. Foi o evento mais notável do chamado *Movimento Tenentista*. O curioso é que nenhum dos chamados *tenentes*, que ocupavam o Estado-Maior da Coluna acompanhou Prestes na sua adesão ao marxismo. Quem talvez o acompanhasse seria Siqueira Campos, que pediu a Prestes, no seu último contato, na Argentina, quinze dias para se decidir, mas morreu quando retornava ao Brasil e seu avião se precipitou no Rio da Prata. Pode-se tentar explicar, alegando que o *tenentismo* tinha outras motivações, que a origem social de seus membros não era compatível com a ideologia marxista, que faltou habilidade a Prestes e competência ao PCB, et. Na verdade, este é ainda um assunto pouco explorado pelos pesquisadores brasileiros.

⁽³⁴⁾ Hersch W. Basbaum, *Cartas ao Comitê Central - História Sincera de Um Sonhador*, São Paulo, Discurso Editorial, 1999, pp. 86 e 87. Filho de Leôncio Basbaum, Hersch militou na Juventude Comunista, no início dos anos 50 e posteriormente no CZU (Comitê Zonal Universitário) do PCB. Saiu do partido comunista e aderiu ao trotskismo, tornando-se um acérrimo crítico do PCB.

(...) Em outras palavras, o efeito nefasto da “consolidação” stalinista não está necessariamente nos erros, mas sim na redução da teoria a mera doutrina (uma teoria que não critica seus pressupostos).

(...) A teoria instrumentalizada serve para identificar o complexo de contradições características de uma dada situação e determinar seus pontos de ruptura. O descompromisso com a verdade, ou a busca da verdade pela verdade, ficava encoberto pelo “ponto de vista de classe”, na verdade, do ponto de vista da direção do P.

Mas o que Stálin fez foi uma profunda revisão no conceito de socialismo, deixando este de significar uma sociedade sem classes, sem economia mercantil, sem Estado, “uma associação de produtores livres” (Marx) e passou a designar uma sociedade onde predominava a propriedade estatal dos meios de produção e o planejamento da economia e um único partido político³⁵. (grifo meu)

Não é de estranhar que o PCB, Fênix Renascida em 1943, sob o influxo do stalinismo, voe, ziguezagueante, abastecida pela energia eólica que sopra do gelado oriente setentrional. Os seus ziguezagues correspondem às linhas políticas adotadas: primeiro, de quase subserviência ao governo constituído, procurando não criar problemas, desaconselhando greves e outras formas de luta do proletariado - afinal, estávamos num mundo de convergência, resultante da união vitoriosa da URSS e das potências ocidentais (EUA e Inglaterra) contra o nazi-fascismo;

posteriormente, com o advento da Guerra Fria e a cassação do registro eleitoral do partido, seguida da cassação dos mandatos dos seus representantes no Congresso Nacional, nas Assembléias Legislativas e nas Câmaras Municipais, vem o mergulho na clandestinidade e a adoção de uma política radical, contra o mesmo governo, cuja expressão mais efusiva foi o famoso Manifesto de Agosto, de 1950.

A expulsão dos comunistas da arena política legal foi mais uma manifestação da idiossincrasia anticomunista da elite do poder no Brasil e da sua subserviência aos ditames das potências ocidentais, principalmente dos EUA. É interessante ver, como descreve esse momento, o jurista e político Afonso Arinos:

A primeira fase, entregue ao Poder Judiciário, foi a do cancelamento do registro do partido e não há que negar que obedeceu às normas da Constituição.

A segunda fase, entregue ao Poder Legislativo, foi que terminou por considerar extintos os mandatos dos representantes do povo eleitos sob a legenda do Partido Comunista, em todo país. Na nossa opinião, esta fase se caracterizou pela desobediência aos princípios gerais do Direito Público aplicáveis à espécie e também pela infração clara de dispositivos da Constituição vigente.

Como expressão direta das condições sociais e políticas, o Direito Brasileiro exprime aqui as condições peculiares da nossa democracia³⁶.

⁽³⁵⁾ A despeito de, no meu entendimento, a análise de Basbaum ser correta - excetuando as ironias - ela encerra o caráter áspero das críticas trotskistas aos PCs. e a Stálin, de maneira especial. Contudo, Lefort -cuja origem trotskista é declarada - fala sobre o partido no qual militou: “ Foi a experiência do militantismo, durante alguns anos, o que me ensinou a escrutar esse estranho movimento mediante o qual um grupo - por débil que seja numericamente e por pouco submetido que esteja a imperativos econômicos, devido a sua própria ineficácia - volta a introduzir em seu meio as regras, as condutas, as relações interpessoais específicas das organizações contra as quais quer lutar, volta a tecer o mesmo gênero de tecido social, se submete aos princípios da divisão dos dirigentes e executantes, da hierarquia rígida das funções, da separação estrita dos setores de atividade e da segregação da informação, tende a fazer da sua própria existência um fim em si mesmo, e acaba por adquirir uma natureza opaca, que rechaça a reflexão.” Claude Lefort, “**Qué es la Burocracia?**” Paris, Editions Ruedo ibérico, 1970, pp. 11 e 12. s.

⁽³⁶⁾ “Peculiaridade” que levou a uma violenta repressão, com prisão de militantes, fechamento de sedes, gráficas e jornais, como o *Hoje*, em São Paulo. Aliás, Rubim (1986), diz que o *Hoje* foi empastelado, o que não ocorreu - o empastelamento deu-se com outro jornal do partido, a *Tribuna Popular*, no Rio de Janeiro. Para saber mais sobre o *Hoje*, é bom ler o excelente verbete de Sedi Hirano e Amélia Cohn no **Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro - 1933 - 1983**. São Paulo, Forense, 1984., cuja única falha é não assinalar a mudança de nome do jornal para *Notícias de Hoje*, em 1949.

*O fato é que a legislação vigente no Brasil, o nosso direito positivo, foi sempre uma espécie de guilhotina armada sobre a legalidade do Partido Comunista. E, à primeira solicitação, a guilhotina funcionou.*³⁷ (grifos meus)

A partir daí o PCB vai amargar mais 38 anos de vida clandestina. Em 1985, quando novamente emerge para a vida legal, o Partido mostra-se totalmente despreparado para as novas formas de embate político e entra em trajetória declinante, vendo o espaço da esquerda ser cada vez mais ocupado por outras organizações.

CONCLUSÃO

Em janeiro de 1992, o falecido escritor baiano Jorge Amado, que foi militante do Partido Comunista Brasileiro até 1957, tendo sido, inclusive, deputado constituinte, pela legenda do PCB, em 1946 era entrevistado por um repórter de uma emissora de televisão sobre o fim da União Soviética:

O senhor acha que o Socialismo morreu?

Jorge Amado, olhando de frente para as câmeras, respondeu:

Não. O Socialismo não morreu. Porque o Socialismo é um sonho, e os sonhos não morrem nunca.

Essa lembrança do grande escritor brasileiro remete às condições atuais do PCB. Sem dúvida, uma organização do tipo “bolchevique” não tinha mais razão de ser no ocaso do século XX e muito menos no século que se inicia. Mas, a busca da utopia socialista não se completou e está longe de ser encerrada. E, para a consecução desse objetivo, perseguido pelas organizações de esquerda e demais setores populares e progressistas da sociedade, é imperioso que não se descarte, como fez o PCB,

por seus vícios de origem, agravados pela longa clandestinidade, a postura democrática.

Não se pode, no entanto, desqualificar o papel desempenhado pelo PCB nas lutas sociais no Brasil; ele se tornou, sem sombra de dúvida, na matriz geradora do movimento de esquerda no país e é impossível reconstituir a história política brasileira, no século XX sem levar em conta a participação do velho *Partidão*.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, M.H.T. e MARTINS, C.E. *Modus in Rebus*. Partidos e Classes na Queda do Estado Novo (mimeo). São Paulo, 1973.
- BASBAUM, W.H. *Cartas ao Comitê Central*. História Sincera de um Sonhador. São Paulo, Discurso Editorial, 1999.
- BADIA, GILBERT *Rosa de Luxemburg, le Spartakisme et la Fondation du Parti Communiste Allemand*. Paris, La Pensée, 1969.
- BELOCH, ISRAEL e ABREU E ALVES, ALZIRA (Coord.) Partido Comunista Brasileiro, in *Dicionário Histórico-Bibliográfico Brasileiro, 1933-1983*. São Paulo, Florense, 1984.
- BEZERRA, GREGÓRIO *Memórias* (2 vol.), Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1979.
- BRANDÃO, GILDO M. *A Esquerda Positiva – As Duas Almas do Partido Comunista 1920/1964*. São Paulo, Hucitec, 1997.
- _____ *A Ilegalidade Mata: Partido Comunista e Sistema Partidário entre 1945 e 1964*. in *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, n. 33. São Paulo, Anpocs, 1997.
- CARONE, E. O PCB (3 vol.) *Corpo e Alma do Brasil*, São Paulo, 1982.
- CARVALHO, APOLÔNIO de. *Vale à Pena Sonhar*. Rio de Janeiro, Rocio, 1997.

⁽³⁷⁾ Ver Afonso Arinos de Melo Franco, *História e Teoria dos Partidos Políticos no Brasil*, São Paulo, Alfa-Ômega, 1974, p.104.

- CERRONI, UMBERTO *Teoria do Partido Político*. São Paulo, Ciências Humanas, 1980.
- CHILCOTE, RONALD H. *Partido Comunista Brasileiro*. Conflito e Integração. Rio de Janeiro, Graal, 1982.
- DUVERGER, M. *Os Partidos Políticos*. Rio de Janeiro, Zahar, 1970.
- LEFORT, C. *Qué es la Burocracia? Y otros ensaios*. Paris, Rodo Iberico, 1970.
- MICHELS, R. *Os Partidos Políticos*. São Paulo, Senzala, 1968.
- RODRIGUES, L. M. O PCB; os dirigentes e a organização. in Boris Fausto (coord.) *História Geral da Civilização Brasileira III*. São Paulo, Difel, 1986.
- VINHAS, M. *O Partidão. A Luta por um Partido de Massas (1922-1974)*. São Paulo, Hucitec, 1982.